

T O S C H I B A

Pedrinho E. Land

TOSCHIBA — conto classificado em 1.º lugar nas finais da 1.ª OLIMPÍADA CULTURAL ESTUDANTIL SECUNDARISTA, realizada em GUAPORÉ-RS., de 23 a 28 de julho de 1974. Escrito pelo aluno Pedrinho E. Land do 1.º ano Integrado, do COLÉGIO ESTADUAL DE SA-PIRANGA.

O pessoal vai se aglomerando pouco a pouco. Em frente à velha casa estão os moradores da minha vila e arredores. Todos querem ver a prisão de Mingo.

Eu estou entre a multidão. Consegui, com muitos "Com licença?" chegar à corda de precaução colocada pelos policiais. Lá dentro está um velho amigo que dentro de alguns minutos será pego pela justiça. Finalmente, depois de tantos crimes, ele volta à sua cidade, à sua vila, como que para se despedir daqueles que viram sua infância

Como pode a vida mudar as pessoas, assim?

O mesmo Mingo, assassino procurado, foi, há algum tempo, um de meus melhores amigos. O mesmo Mingo que chorava quando seu cachorro adoecia, riu com escárnio de suas vítimas. O mesmo que defendia seus parentes e os de seus amigos, roubou e ludibriou. O mesmo que defendia os direitos do homem, abusou deles como se nada soubesse das leis da sociedade. Como pode?

Escuto o zumzum da multidão, mas meus pensamentos estão longe. Vão atrás no tempo rebuscar as imagens daquele amigo de infância. E nos vejo brincando na mesma velha casa, nos campos, nos riachos. Vejo o tempo em que não nos preocupávamos com

dinheiro, preconceitos e sociedade. Era o belo tempo de criança. Mingo crescerá comigo. Depois, eu conheci Marta, minha esposa. E aquela amizade, apesar de continuar, foi-se desenhando.

Soube que Mingo tivera uma violenta discussão com seu pai e que saíra de casa, levando com ele um revólver. Era o início de sua carreira de bandido. Depois somente as notícias de jornais, e hoje, aqui.

Os policiais, cansados de pedir que se renda, acabam lançando mão da velha e costumeira frase dos filmes de mocinho e que por tantas vezes encenamos por brincadeira na velha casa:

— "Você tem um minuto para se render. Ao fim deste prazo, entraremos na casa, abrindo fogo."

O zumzum acaba. A evocação do passado também. A multidão afasta-se. Eu ainda não consigo me convencer da idéia. Por que Mingo agiu assim? O que houve na sua curta carreira que o levou a fazer o que fez?

Mingo abandonou seus pais, uma bela vida, seus amigos, Nina... Eil... Nina!... Talvez ele não saiba...

Imediatamente minhas idéias entram em conflito. Sei que ele não vai entregar-se sem lutar, sem morrer, e não posso deixá-lo morrer sem saber.

Transponho a corda de precaução. A contagem dos últimos segundos é interrompida. Um dos policiais me segura pelo braço, mas desvencilho-me dele e, correndo em direção à casa, solicito alguns minutos. Ao aproximar-me desta, grito:

— Mingo, eu vou aí. É o Beto. Vou desarmado.

Antes de entrar, olho para trás e vejo a multidão, estupefata. Alguns devem estar me chamando de louco.

Abro a porta e entro. Está escuro. Sei onde Mingo está. No mesmo cantinho, lá no sótão, onde ia quando recebia um castigo por uma peraltice. Vou subindo vagarosamente as escadas. A cada passo as velhas tábuas rangem como se gemessem de dor, como se sofressem por uma infância.

Bato à porta. Ela se abre. Primeiro lenta, depois violentamente e eu o vejo.

A vida lhe deve ter sido dura. Mingo está magro, com os cabelos mal cuidados à altura dos ombros. Os olhos vermelhos estão profundos e uma espessa barba lhe cobre completamente as faces do rosto, talvez para escondê-lo do espelho. O espelho é real, é material e não perdona. Acusa, mostra. Mingo nada diz. É um instante de reconhecimento.

No chão vejo uma seringa, um pequeno vasilhame e uma trouxa. Olho para Mingo novamente. Continua calado, apontando a arma.

— Você a usou? — pergunto apontando para a seringa.

— Não deu tempo — responde.

Segue-se um duro silêncio. Talvez ele recorde nossa infância e nos reveja no mesmo lugar, brincando de xerife e bandido.

Seu rosto arredondado pela barba lembra-me daquela ocasião em que tomou a caixa de abelhas na chácara de seu pai. Quando elas, enfurecidas, conseguiram desobstruir sua porta. Ele correu o que pôde, porém, no dia seguinte, eu me divertia de seu aspecto. Mas o presente está aí. E a realidade é dura.

Tento iniciar um diálogo:

— Por quê?

— É uma longa história, Beto. Nada adianta lembrar o passado. Ele está morto.

— Mas dê uma justificativa, rapaz. De um modo ou de outro, muita gente vai compreender suas atitudes, apesar de condená-lo por elas.

— Beto, você se lembra do tempo em que fizemos TOSCHIBA? Ele significava e simbolizava nossos sonhos de meninos. Esta esttua de madeira que nós mesmos, com tanto sacrifício e paciência esculpimos, falava comigo e eu com ela. Ela me compreendia, ou melhor, eu a compreendia. Até isto morreu, Beto. Tentei falar com ela, ela não responde e fica impassível na sua condição de objeto de madeira. O mundo não perdona nossos atos. Nada adianta justificar ou explicar. Esqueça o passado e retire-se do presente.

No fundo, na essência daquelas palavras, eu vi um pequeno relance de arrependimento e compreendi que ainda havia salvação para Mingo. Continuei:

— QUEM ENTENDE TOSCHIBA, ENTENDE-SE A SI MESMO. Lembra que foi isto que escrevemos com o canivete no peito de TOSCHIBA. Sei perfeitamente o que ele significava. A revolta pelo mundo de nossa sociedade. A antipatia pelo "sistema" dos adultos, pela hipocrisia que usavam em suas relações. Pelas guerras inúteis, por terras inúteis. Mas lembre também como TOSCHIBA conversava com a gente. Com a voz de nossa consciência. Se ele atualmente não conversa com você, não é porque ele não o perdona; é porque você mesmo não se dá uma chance de refletir.

— Nenhum de meus sonhos de menino foi realizado. Eu queria modificar o mundo e o sistema. Nada consegui.

— Mingo, quando se é jovem adolescente, a gente idealiza um modo de vida bem diferente. Detesta-se o sistema e promete-se combatê-lo. Depois, chegam as necessidades, com a idade. A responsabilidade, o caráter, e então você, aos poucos, vai aderindo a ele. E quando finalmente chega onde eu estou hoje, com minha própria vida, esposa e família, você nota que, mesmo querendo, não poderá desvencilhar-se dele. Ele lhe é indispensável e você, com um sorriso hipócrita, forçado, para alguém com quem você não simpatiza, pode conseguir um bom negócio, um desconto extra no banco. É a lei do dinheiro. E finalmente é o sistema que você condenava. Então você já não o acha tão ruim e ao invés de dizer que é hipócrita, diz que é diplomata.

— Talvez seja assim mesmo, Beto. Quando eu cheguei na ida-

de dos compromissos, eu não estava preparado para eles. Tentei aderir, mas não consegui. Encontrei alguns amigos que pensavam como nós, mas eles não procuravam uma maneira de modificar para melhor. Simplesmente o condenavam. E nessa apatia havia as drogas. Foi bem mais fácil aderir a elas. Possuíam o poder de nos retirar da realidade e nos faziam viajar pelo mundo do prazer, onde não havia hipocrisia ou diplomacia, onde não havia SPC ou cartório de protestos. Tudo era belo durante o êxtase da viagem. Entretanto, a cada regresso, a decepção era maior. Sinceramente, Beto, quando vi que não poderia modificar, que as drogas não me levariam à realização de meus reais desejos, tentei dispensá-las e aderir ao mundo como ele era. Muito tarde. Passei a depender delas e elas custavam caro.

— Por que você não voltou para casa, para os seus?

— Não era justo. Saí de cabeça erguida, com orgulho e um objetivo. Meu objetivo era tornar-me rico, mas sem ajuda bajulada. Voltaria cabisbaixo, sem um ideal e condenando o estilo de vida de meus pais, e viciado.

Com o tempo, o uso da erva não me era mais suficiente. Precisava de estimulantes mais fortes. Ganhei algumas picadas de meus amigos. Era maravilhoso. A sensação de viajar sentado sobre as nuvens, vendo coisas que você jamais poderia imaginar, era espetacular. Mas, como eu disse, as primeiras eu ganhei. Acostumei-me a elas e então tinha de comprá-las a um preço caríssimo.

A necessidade delas fez com que roubasse pela primeira vez. Doe um bocadinho, no início; ser ladrão não era fácil. Depois, acostumei-me, como todas as outras coisas e tornei-me um excelente profissional. Além da arma de meu pai, tenho outra, produto de um roubo. Um dia quase me pegaram. Defendi-me e matei um homem. Sentí desprezo por mim, dava valor demasiado à vida humana, mas acostumei novamente à idéia e, então, quando necessário, matava sem sofrer.

Eu escutava aquela narração calado. Pensava se era possível acontecer a qualquer homem o que acontecera com Mingo.

— Mingo, você nunca tentou voltar atrás, pedir perdão e recomeçar?

— Mais de uma vez tentei esquecer o passado, ir para bem longe e recomeçar vida nova, mas...

Olha, a vida da gente é uma ladeira. No alto dela está o nosso ideal. Para chegar no topo, há uma longa subida. Na formação de nossa personalidade vamos acumulando fardos nas costas, que dificultarão nossa subida. São fardos de vergonha, honestidade, caráter, tudo aquilo que vamos apreendendo. Enfim, são sacos cheios de nulidades que são chamadas de virtude.

No início de minha subida, eu tinha esses fardos. O uso das drogas e o alerta de minhas companhias me fizeram notar que esse peso era demasiado e que sem eles chegaria bem mais rápido ao

topo. E assim, pouco a pouco, fui largando os fardos pelo caminho. Cheguei lá em cima. Então notei que meu ideal fora substituído por outro. Eu agora queria a paz de espírito, o respeito de meus semelhantes, a beleza da natureza. Eu queria ver a vida. Mas para atingir este ideal, tinha de subir nova ladeira. Esta possuía uma declividade muito maior. Era difícil. Para subí-la, tinha de ir-me apoiando no corrimão que era formado pelos fardos que havia deixado na primeira. Sem estes fardos, não havia corrimão e não havia como subir.

Não sei se você me entendeu, Beto. Para ficar rico rapidamente, deixei para trás meus escrúpulos e meu caráter. Porém para a minha paz de espírito precisava delas. E eu estupidamente os troquei pelos seus contrários.

— Mas, Mingo, se você os largou, por que não desenvolveu novos? É nossa capacidade. A cada etapa da vida, vão crescendo, desenvolvendo ou se criando novas virtudes.

— É tarde, Beto. O mundo morreu, como TOSCHIBA.

Ouçó a voz de alguns policiais solicitando a sua rendição e o meu afastamento.

— Vá embora, Beto. Vou acabar com alguns daqueles tiras antes de me ir. — e apanha a arma que havia depositado sobre a mesinha.

— Está certo. Eu já vou. Mas antes tenho de lhe dizer uma coisa. Você lembra da Nina?

— Ahã. — Responde com a cabeça afirmativamente e complementa — Ela foi um de meus fardos. Ficou na subida da primeira ladeira.

— Nem tanto, Mingo, Ela ainda o ama e mantém até hoje a esperança de que você cumpra sua dívida para com a sociedade. Se não por ela, mas por Minguinho.

Ele me olha, estupefato.

— Min... Minguinho?

— Sim, Mingo. Quando você se foi, Nina estava esperando um filho seu. Sofreu, mas conseguiu vencer as calúnias do povo. Com minha ajuda e de minha esposa, conseguiu e continua a criar e educar teu filho.

Eu vi e senti o desespero nos olhos de Mingo. Pareceu-me então o mesmo menino da outrora. Suas mãos pareciam querer arrancar os cabelos da cabeça e chorava. Um choro silencioso, sofrido, soluçado. Eu também sou pai, senti e compreendi a dor de Mingo. Sabia que aquelas lágrimas eram de dor e de arrependimento. Sua voz arrastou-se rouca através de sua garganta, baixinha, mas calma:

— Beto, como é que podem duas palavras modificar tudo? Minhas opiniões, meu caráter... Modificou tudo, agora.

— "Sou pai!" Que bela expressão! — e seus olhos se iluminaram entre as lágrimas — Oh, quanto daria para ouvir meu filho dizer "PAPAI", ver seus primeiros passos, seus primeiros denti-

nhos, seus sorrisos, suas mãozinhas a acariciar meu rosto barbudo e sujo. Oh, meu Deus! Como meu pai deve ter sofrido pelos meus atos. A mãe de meu filho, minha mãe, os meus. Perdoem.

Virou-se e olhou para TOSCHIBA. A arma havia caído no chão. Apanhei-a e reconheci nela a arma de seu pai, que algumas vezes, escondidos, usáramos para brincar de mocinho naquela mesma casa. Agora era realidade.

Segurei Mingo pelo braço e o puxei para a porta. Mansamente ele me acompanhou mas, ao transpormos o umbral, olhou para trás e disse:

— Beto, peça mais alguns minutos. Preciso me despedir de TOSCHIBA. Ele voltou a falar comigo.

Entendi perfeitamente. Com a arma de seu pai na mão, fui descendo vagarosamente as escadas. Lá fora estava a multidão curiosa para ver o resultado. Ao falar ao povo e aos policiais que dentro de pouco desceria um novo homem, já recuperado para a sociedade antes mesmo de cumprir sua pena, em honra ao seu filho, vi a agitação recomeçar. Entre a multidão notei os pais de Mingo que pela primeira vez, abraçavam seu netinho, chorando e agradecendo. Também eles pareciam arrependidos por sua indiferença pelo seu neto.

Eu estava satisfeito. Recuperara um homem para a sociedade, unira um neto ao seu avô, evitara um tiroteio. De certa forma, porém, uma dúvida me perseguia. Será que meu amigo não teria um final de vida mais feliz se tivesse permanecido na ignorância de sua paternidade? Iria morrer, um dia, sem objetivo, sem consciência, mas sem sofrer. E, assim, os longos anos de vida na prisão...

e

Minhas reflexões são interrompidas. Ouço um forte estampido. Subo as escadas correndo... Tarde demais...